

<b>Jornal Negócios</b>	Periodicidade: <b>Diário</b>
24-01-2022	Classe: <b>Economia/Negócios</b>
	Âmbito: <b>Nacional</b>
	Página(s): <b>1,25</b>



**NOTAS DA SEMANA**



**LUÍS MARQUES MENDES**  
Advogado

A análise de Luís Marques Mendes ao que marcou a última semana da vida nacional e internacional. Os principais excertos da sua intervenção na SIC, nos temas escolhidos pelo Negócios.

# PSD vai fazer-se de morto o mais possível

## PANDEMIA/VACINAÇÃO

1. Pico da pandemia. Segundo um relatório do Instituto Superior Técnico a que tive acesso, o pico desta pandemia deve dar-se ligeiramente mais tarde do que o mesmo tinha previsto. A nova previsão do IST é: pico entre 6 e 12 de Fevereiro. Razão deste ligeiro adiamento: a campanha eleitoral e as escolas. Segundo os especialistas do IST, uma campanha eleitoral "à antiga", com ajuntamentos populares, não tinha entrado nas previsões iniciais. E a verdade é que a campanha está a provocar contágios.

2. Mas não vale a pena dramatizar: um pico mais tardio não traz complicações acrescidas dentro dos hospitais. Comparando o Portugal de hoje com o de há um ano, a situação está bem mais controlada atualmente: temos três vezes menos internados; quatro vezes menos doentes em UCI e sobretudo cinco vezes menos óbitos do que no mesmo período de 2021.

3. Vacinação: já fomos os melhores do mundo. Só que não há bela sem senão. Hoje a realidade é outra: em matéria de dose de reforço, já não somos o melhor país da UE. É certo que estamos acima da média da União. Mas estamos num modesto 12º lugar. Causa: começámos com um mês de atraso o processo de vacinação com a dose de reforço.

4. Vacinação dos maiores de 60 anos, com dose de reforço: esta é a boa notícia. Aqui, na população mais idosa e vulnerável, estamos num honroso 3º lugar no ranking da UE, com 90% de vacinação com a dose de reforço. Ou seja, na faixa prioritária da vacinação, com 60 ou mais anos, estamos francamente bem. Melhor do que nós na UE só Dinamarca e Irlanda. ■

## RUI MOREIRA ABSOLVIDO

1. Rui Moreira foi absolvido. Uma boa notícia para o próprio e para a democracia.

- Rui Moreira "ganhou" bem este processo. Não ganhou por razões formais ou acessórias. Ganhou pelo fundo da questão: não houve provas de ter cometido qualquer ilegalidade. E teve um comportamento exemplar: discordante do MP mas sempre respeitador da justiça. Apesar dos prejuízos políticos que esta acusação sem sentido trouxe para a sua imagem pública, em particular nas eleições autárquicas, onde perdeu a maioria absoluta.
- A democracia também ganhou. É sempre bom saber que um político não viola a lei e não comete um crime.

2. Para o MP tudo isto é um desastre. Só no espaço de um mês, em processos mediáticos, são três derrotas do MP. Fora as derrotas que já vêm de trás. Começa a ser tempo de exigir ao MP uma explicação.

- Perder em tribunal de vez em quando é normal. Uma acusação não pode dar sempre em condenação. Mas acumular derrotas a seguir a derrotas passa a ser um problema sério para

a imagem da justiça.

- O MP adora investigar e acusar políticos. Investigar está certo. Ninguém está acima da lei. Agora, acusar só mesmo quando há provas.
- É que para ter sucesso em tribunal não chega ter uma narrativa atraente e boa imprensa. É preciso ter provas.
- Passadas as eleições, vai ser tempo de PR, AR e Governo – qualquer que ele seja – exigirem explicações ao MP. ■

## PS E PSD PRÓXIMOS NAS SONDAGENS

1. Há uma semana, PS e PSD estavam distantes nas sondagens. Agora, estão próximos um do outro. Porquê esta aproximação? Três razões essenciais:

- a) Primeira e principal razão: o desgaste de seis anos de governo. Este é o maior adversário de António Costa. Em 2019, o PM estava em alta. Agora, o cansaço em relação ao governo e ao PM é grande. E as sondagens começam a mostrá-lo agora. A medida que os índices começam a diminuir.
- b) Segundo: arrogância e desconfiança de uma maioria absoluta. António Costa começou a pedir a maioria absoluta. É um caminho legítimo. Só que o povo de esquerda, sobretudo depois de Sócrates, não gosta de maiorias absolutas. Até acha que um pedido destes é um gesto de arrogância. Lembrem-se do tempo em que o PS comparava maioria absoluta a poder absoluto.
- c) Terceiro: a campanha de Rui Rio. É uma campanha simples mas eficaz. Tem três preocupações: por um lado, multiplicar confiança e simpatia; por outro, evitar exageros ou euforias para não gerar anticorpos ou permitir agitar o "papão" do regresso da direita; finalmente, mostrar união interna e aproveitar-se dos erros do adversário.

2. Posto isto, reafirmo o que digo desde dezembro: está tudo em aberto. Tanto pode ganhar o PS como o PSD. O número de indecisos é ainda tão grande que a balança pode pender para qualquer dos lados. Estas são as eleições mais incertas e imprevisíveis desde 2002. Ganhe quem ganhar, a diferença será pequena. ■

## ÚLTIMA SEMANA DA CAMPANHA

1. A última semana vai ser tensa e intensa. O que vamos ter?

- a) O reforço da bipolarização entre PS e PSD, com um apelo ainda maior por parte de Rio e Costa ao voto útil (um problema para os pequenos partidos).
- b) À esquerda, o PS vai dramatizar o discurso contra o PSD, para tentar inverter a dinâmica das sondagens. O discurso de maioria absoluta já caiu. Agora, o objetivo é não perder.

c) À direita, o PSD vai fazer-se de morto o mais tempo possível, sem introduzir temas de fratura ou clivagem, porque as coisas lhe correm bem e só quer manter a dinâmica eleitoral que foi criada.

d) Ambos, PS e PSD, vão evitar cometer erros. Quem menos erros cometer mais hipóteses tem de sucesso. Para já, no campeonato dos erros, o PS vai ligeiramente à frente. O exemplo da votação do Orçamento da CM de Lisboa é um erro enorme. Quem perde deve ter humildade democrática.

2. No meio destas mudanças vamos ter uma grande incógnita: quem mais vai ser afetado pela abstenção Covid? Ter milhões de pessoas a abster-se por causa da Covid. Ou porque estão isoladas e não querem votar. Ou porque, não estando isoladas, têm medo do contágio e não vão votar. Quem mais vai ser afetado com esta abstenção? Só mais tarde se saberá.

- Uma coisa é certa: esta abstenção podia ter sido evitada. Se, em novembro, antes da dissolução, o Governo e os partidos tivessem mudado a lei eleitoral para fazer o óbvio: dois dias de votação. No sábado, dia 29, votavam os isolados; no domingo, dia 30, votavam os outros. ■

## O QUE VAI MUDAR DEPOIS DAS ELEIÇÕES?

1. Ganhe quem ganhar, é possível antever, desde já, três mudanças importantes:

- a) Primeiro: vamos voltar à normalidade política. Ou seja: não se repetirá o cenário de 2015. Na altura, ganhou um partido e governou outro. Agora será diferente: quem tiver mais um deputado vai governar; quem tiver menos um deputado vai ser oposição.
- b) Segundo: volta a reduzir-se o arco da governação. PCP e BE vão deixar de ter influência direta ou indireta no governo. Voltam à sua natureza de partidos de protesto. No entanto, sairão penalizados desta eleição pelo chumbo do OE.
- c) Terceiro: vai acentuar-se a ideia de uma governação ao centro. Ou governa o PS com governo minoritário viabilizado na AR pelo PSD; ou governa o PSD, acompanhado da IL e CDS, com viabilização parlamentar do PS.

2. Importante também seria mudar o modelo económico e social: o modelo atual falhou. Esta questão é séria. Não é partidária. É nacional.

- Nestas duas décadas já fomos ultrapassados em termos de PIB per capita por 7 países do leste europeu.
- Só de 2015 até hoje foram 4 os que nos ultrapassaram (Estónia e Lituânia em 2017; Hungria em 2020; Polónia em 2021). Dados oficiais da Comissão Europeia.

Sem economia a sério, nem crescem os salários; nem aumentam as pensões; nem se criam condições para resolver o problema da natalidade. ■

A nova previsão do Técnico é: pico [da pandemia] entre 6 e 12 de Fevereiro.